

Contributo no âmbito da requalificação do Catálogo Nacional de Qualificações

Na sequência da reestruturação do Catálogo Nacional de Qualificações, vem a [Fundação Mendes Gonçalves](#) (FMG) e a [Fundação Aga Khan](#) (AKF) apresentar o seu contributo e manifestar a sua disponibilidade para colaborar com os decisores públicos, partilhando a experiência acumulada no terreno e no sentido de contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas, particularmente que promovam uma resposta de uma mais acessível, qualificada e flexível na primeira infância.

A FMG nasce do compromisso da Casa Mendes Gonçalves e do seu fundador, Carlos Mendes Gonçalves, de “cuidar do presente e contribuir para a construção de um futuro promissor e para um Mundo mais sustentável e com mais oportunidades para todas as pessoas”.

Sabemos, por isso, que construir um futuro equitativo, saudável, sustentável e com bem-estar para todos implica uma ação colaborativa essencial: Cuidar. Cuidamos das pessoas e dos ecossistemas. Do que nasce, cresce e se regenera. Cuidar é um verbo do presente e do futuro.

Queremos plantar, na nossa terra – a Golegã, e ao redor, sementes de mudança e possibilidade que se transformem em raízes de novas formas de educar, nutrir e regenerar. Da Golegã para o Mundo. É este o nosso legado, pelo futuro de todos.

Educar. Cuidar, através de uma educação de qualidade, para que todas as crianças tenham oportunidades equitativas de crescer, aprender e florescer.

Nutrir. Cuidar, através de uma nutrição saudável e segurança alimentar, para que todas as pessoas possam adotar estilos de vida saudáveis e sintam bem-estar.

Regenerar. Cuidar, através da regeneração dos solos e da biodiversidade, para que o planeta e as comunidades tenham um futuro melhor.

No âmbito do seu [Plano Estratégico 2025–2028](#), a FMG definiu como prioridades a atuação baseada em evidência, a cocriação com parceiros estratégicos, a monitorização de impacto e a influência de políticas públicas, promovendo simultaneamente a literacia e a transferência de conhecimento.

Através do programa **Educar**, a FMG procura contribuir para a promoção da educação de qualidade dos 0 aos 10 anos, com especial enfoque na primeira infância (0-3 anos), considerando que o investimento nos primeiros anos de vida tem impacto direto no desenvolvimento das crianças, no bem-estar das famílias e das comunidades, e no desenvolvimento dos territórios. A sua intervenção assenta numa lógica de desenvolvimento territorial, com enfoque na promoção de oportunidades educativas, sociais e comunitárias, particularmente nos primeiros anos de vida, reconhecendo a primeira infância como uma fase determinante para o desenvolvimento das crianças e para a coesão social.

A Fundação Aga Khan Portugal integra a Rede Aga Khan para o Desenvolvimento (AKDN) e tem como missão melhorar a qualidade de vida das pessoas, promovendo sociedades mais inclusivas, resilientes e equitativas. A sua intervenção assenta numa abordagem integrada ao desenvolvimento humano, reconhecendo que a educação, a saúde, a inclusão social e o fortalecimento das comunidades são dimensões indissociáveis para a construção de um futuro mais justo e sustentável.

Acreditando que as mudanças mais duradouras acontecem quando são construídas em parceria com as comunidades, a Fundação desenvolve a sua ação através da cocriação de soluções, da valorização das capacidades locais e do trabalho colaborativo entre cidadãos, instituições e entidades públicas e privadas. Esta abordagem procura gerar impacto sistémico, promovendo a participação ativa das pessoas e o reforço da coesão social.

No âmbito da sua estratégia de intervenção, a Fundação Aga Khan Portugal atribui especial relevância à primeira infância, reconhecendo os primeiros anos de vida como uma oportunidade única para promover o desenvolvimento integral das crianças e reduzir desigualdades futuras. Nesse sentido, tem vindo a desenvolver programas e projetos que reforçam a qualidade dos contextos educativos e familiares, promovem a capacitação de profissionais, apoiam famílias e comunidades e contribuem para a construção de sistemas mais integrados e responsivos às necessidades das crianças.

1. Projeto-piloto Cuidar em Rede: enquadramento

É neste enquadramento que surge o projeto-piloto Cuidar em Rede, desenvolvido na Golegã e nos territórios limítrofes, cujo objetivo é reforçar e valorizar a resposta de amas em regime livre, enquanto complemento essencial à rede de creches, cuja cobertura é insuficiente, particularmente em contextos rurais ou de menor densidade populacional.



O projeto é promovido pela FMG em parceria com a Fundação Aga Khan Portugal, Fundação Jerónimo Martins, o Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP) de Santarém, municípios da Golegã e região ao redor, e outras entidades a nível local, regional e nacional. Até à data, contribuiu para a qualificação de onze formandas para a atividade de ama, em parceria com o IEFP de Santarém, encontrando-se duas destas já formalizadas e em exercício e outras duas em processo de formalização da atividade junto do Instituto da Segurança Social (ISS, IP). Paralelamente, foi desenvolvido um modelo de acompanhamento técnico e pedagógico, bem como um trabalho de articulação com autarquias, serviços locais e entidades da rede social, permitindo a comunicação do projeto e da resposta e a melhor identificação, de forma concreta, de oportunidades e constrangimentos no desenvolvimento deste tipo de resposta.

A experiência acumulada no terreno permite à FMG e à AKF apresentar o presente contributo, com base em evidência prática e no acompanhamento direto de processos de formação, licenciamento e implementação da atividade de ama em regime livre. A experiência do projeto Cuidar em Rede demonstra que a atividade de ama em regime livre pode constituir uma resposta relevante e complementar à rede de creches, particularmente em territórios com baixa cobertura ou com características demográficas específicas. Contudo, também evidencia a existência de barreiras, obstáculos e a ausência de incentivos que dificultam a implementação desta resposta, nomeadamente ao nível do enquadramento legal, fiscal, organizacional e de sustentabilidade da atividade.

2. Aprendizagens do projeto e contributos para a requalificação da formação de amas

A implementação do projeto Cuidar em Rede permitiu identificar um conjunto de aprendizagens relevantes relativamente ao modelo atual de formação e qualificação de amas, nomeadamente no que respeita à adequação dos conteúdos formativos às exigências concretas do exercício profissional e aos desafios atuais da primeira infância.

Importa reconhecer que os primeiros anos de vida constituem uma etapa determinante para o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e físico das crianças, sendo amplamente reconhecido o impacto das experiências precoces na aprendizagem, saúde e bem-estar ao longo da vida. Neste contexto, torna-se fundamental assegurar profissionais dedicados e qualificados, preparados para promover ambientes seguros, afetivos e estimulantes na primeira infância.



Os atuais desafios sociais, familiares e demográficos exigem profissionais cada vez mais preparados para responder à diversidade de contextos familiares e de bebés e crianças, às situações de vulnerabilidade social e às crescentes necessidades de apoio ao desenvolvimento e bem-estar infantil.

No âmbito do projeto, foi possível desenvolver um modelo formativo alargado, que integrou não apenas a componente curricular obrigatória, mas também mecanismos de acompanhamento técnico e pedagógico também durante o estágio, formação complementar e reforço significativo da componente prática. O estágio curricular realizado pelas formandas teve uma duração total de 120 horas em contexto real de creche, representando um acréscimo de 95 horas relativamente ao mínimo atualmente previsto para o processo de qualificação. Esta experiência revelou-se particularmente relevante para a consolidação das aprendizagens, para o desenvolvimento de competências relacionais e organizacionais e para a preparação efetiva das futuras amas para o exercício da atividade. O acompanhamento dado por uma tutora durante o período de estágio, a nível pedagógico, permitiu não só o ajuste das práticas quotidianas aos conteúdos lecionados no curso, mas também um acompanhamento mais próximo, personalizado e ajustado.

As vozes das próprias formandas, das tutoras de estágio e das equipas educativas das creches de acolhimento valorizaram de forma consistente a importância deste reforço da componente prática, salientando que o contacto mais prolongado com contextos reais de prática permitiu maior segurança, autonomia e compreensão das rotinas, necessidades e dinâmicas associadas ao trabalho com crianças pequenas e famílias.

O acompanhamento realizado pelas equipas técnicas do projeto permitiu igualmente identificar um conjunto de áreas temáticas que, apesar de parcialmente abordadas no percurso formativo atual, foram sistematicamente referidas pelas formandas como insuficientemente aprofundadas apesar de serem sentidas como particularmente necessárias para o exercício futuro da profissão. Foi neste enquadramento que o projeto desenvolveu um conjunto de ações complementares de formação contínua dirigidas às formandas que manifestaram intenção de avançar para a formalização da atividade.

Entre os temas trabalhados destacam-se: a literacia digital; suporte básico de vida pediátrico com certificação; proteção de dados e *safeguarding*; diversidade e inclusão; observação e avaliação do desenvolvimento infantil; literatura para a infância e promoção da leitura; construção de materiais lúdicos; marketing pessoal e comunicação; planeamento e gestão da atividade; enquadramento fiscal e contributivo; e educação inclusiva e resposta a necessidades educativas específicas.

A experiência do projeto permitiu ainda perceber a relevância de conteúdos associados à organização do ambiente educativo, à relação entre cuidado e aprendizagem (educare), à documentação pedagógica, à observação das crianças e à criação de ambientes seguros, estimulantes e promotores de autonomia. Estas dimensões assumem particular importância quando se pretende reforçar a qualidade pedagógica das respostas dirigidas à primeira infância, incluindo em contextos mais *micro* como é o caso do exercício da atividade de ama.

3. Recomendações

Neste contexto – e com base na experiência acumulada no âmbito do projeto-piloto Cuidar em Rede e considerando-se fundamental que o processo de revisão do Catálogo Nacional de Qualificações possa ser articulado com uma reflexão mais ampla sobre o modelo de acompanhamento e valorização profissional das amas em Portugal – apresentamos as seguintes recomendações:

1. Reforçar a componente prática da formação inicial

A duração mínima do estágio curricular beneficia de ser significativamente aumentada. A experiência do projeto demonstrou que 120 horas de prática em contexto real (face às 25 horas atualmente previstas) são determinantes para a consolidação das aprendizagens, o desenvolvimento de competências relacionais e a preparação efetiva para o exercício da atividade. Recomenda-se, adicionalmente, que o estágio inclua obrigatoriamente o acompanhamento por tutora pedagógica, garantindo uma supervisão próxima e personalizada que permita articular a teoria com a prática quotidiana.

2. Alargar o currículo a áreas essenciais ao exercício da profissão

O currículo atual não cobre de forma suficiente um conjunto de áreas que as formandas identificaram sistematicamente como necessárias ao exercício real da profissão. Recomenda-se a integração, na formação inicial, de conteúdos relativos a inclusão e resposta a necessidades educativas específicas; bem-estar emocional e estratégias de autorregulação dos profissionais; promoção da linguagem e literacia emergente; observação e avaliação do desenvolvimento; organização do ambiente educativo e documentação pedagógica; suporte básico de vida pediátrico; *safeguarding* e proteção de dados; e enquadramento fiscal, contributivo e gestão da atividade. Paralelamente, sugere-se um reforço da carga horária destas áreas: desenvolvimento infantil e práticas pedagógicas na primeira infância; relação com famílias e diversidade de contextos. Sugere-se também a possibilidade de definir uma carga horária

obrigatória de formação complementar, permitindo que os formandos escolham, de entre um conjunto de opções, os temas que pretendem aprofundar, aproveitando, sempre que possível, a oferta formativa já existente no catálogo nacional de qualificações.

3. Criar mecanismos de acompanhamento contínuo e integração territorial

Consideramos, finalmente, que a qualificação da resposta de ama não depende exclusivamente da formação inicial, mas também da existência de redes de suporte, oportunidades de desenvolvimento profissional contínuo, trabalho colaborativo e acompanhamento técnico e pedagógico regular. Os insuficientes mecanismos regulares de acompanhamento e suporte podem contribuir para situações de isolamento profissional e fragilizar a consolidação desta resposta nos territórios. Salienta-se ainda que já existem recursos desenvolvidos neste âmbito, disponíveis para acesso e utilização gratuita, que poderão constituir um contributo útil para uma futura reflexão e implementação, como os disponíveis no The Learning Hub da Fundação Aga Khan.

Assim, a qualificação das amas deve ser entendida não apenas como um processo de certificação inicial, mas como um percurso contínuo de desenvolvimento pessoal e profissional, acompanhamento e integração numa rede de suporte territorial. Neste âmbito, o projeto promoveu, em parceria com a Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI), uma ação de formação em supervisão pedagógica dirigida a educadores e técnicos do território, com vista à criação de uma rede de apoio e acompanhamento às amas e à consolidação de práticas reflexivas e colaborativas entre profissionais da primeira infância, bem como a estudar modelos que procurem aproximar as amas em atividades das estruturas de primeira infância e as entidades e organizações dos seus territórios, incluindo a rede social.

A FMG e a AKF manifestam, por isso, total disponibilidade para continuar a colaborar neste processo, partilhando dados, aprendizagens e evidência produzida no âmbito do projeto-piloto Cuidar em Rede, contribuindo para o desenvolvimento de soluções mais qualificadas, sustentáveis e ajustadas às necessidades das crianças, famílias e territórios.

Com os nossos melhores cumprimentos,

Golegã, Julho de 2026